



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MAYARE RAYANE BATISTA DE MEDEIROS

**DAS HISTÓRIAS DO SOBRADO AOS TRAJETOS DA MEMÓRIA:
TERRITÓRIOS E SABERES DE BELÉM DO BREJO DO CRUZ (1961- 1990)**

CAMPINA GRANDE- PB
JUNHO DE 2015

MAYARE RAYANE BATISTA DE MEDEIROS

**DAS HISTÓRIAS DO SOBRADO AOS TRAJETOS DA MEMÓRIA:
TERRITÓRIOS E SABERES DE BELÉM DO BREJO DO CRUZ (1961- 1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo.

CAMPINA GRANDE- PB
JUNHO DE 2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488d Medeiros, Mayare Rayane Batista de
Das histórias do sobrado aos trajetos da memória [manuscrito]
: territórios e saberes de Belém do Brejo do Cruz (1961- 1990) /
Mayare Rayane Batista de Medeiros. - 2015.
58 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araujo,
Departamento de História".

1. Belém do Brejo do Cruz - PB 2. Historiografia 3.
Memória I. Título.

21. ed. CDD 907.2

MAYARE RAYANE BATISTA DE MEDEIROS

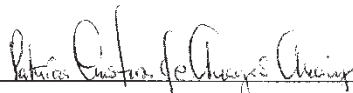
MAYARE RAYANE BATISTA DE MEDEIROS

DAS HISTÓRIAS DO SOBRADO AOS TRAJETOS DA MEMÓRIA:
TERRITÓRIOS E SABERES DE BELÉM DO BREJO DO CRUZ (1962- 1990)

Trabalho de Conclusão de Curso em
forma de Monografia apresentado ao
curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba- UEPB, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em História.

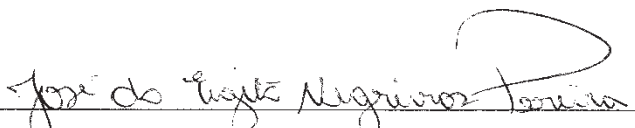
Aprovada em: 17/06/2015.

BANCA EXAMINADORA



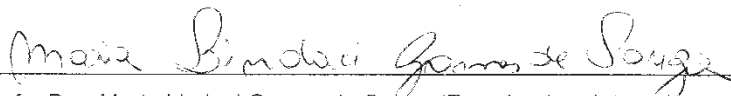
Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Mst. José do Egito Negreiros Pereira (Examinador Interno)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza (Examinadora Interna)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CAMPINA GRANDE- PB
JUNHO DE 2015

Dedico meu trabalho à minha família: minha Mãe, Vânia; meu Pai, Raimundo; minha Irmã, Magda; minha Sobrinha, Maria Eloisa, e meu Namorado, Luiz. Todos eles importantes na minha vida, ajudando-me e apoiando-me para que eu possa realizar meus projetos.

AGRADECIMENTOS

Durante todo meu percurso dentro da Academia, muitos foram os obstáculos que tive de ultrapassar, pois este é um mundo novo e cheio de mistérios para aqueles que estão iniciando, principalmente para aqueles alunos que são formados a partir de uma base de educação em que o investimento em seu desenvolvimento é mínimo, tendo os alunos que se desdobrar para conseguir passar em um vestibular e chegar até a universidade. Mas, com fé e força, consegui obter minha meta de chegar até aqui e tenho a convicção de que, com meu esforço, muitos caminhos ainda tenho a trilhar. E, como nessa vida jamais se consegue algo sem ter uma base familiar e amigos para dar suporte e força, aqui deixo meus mais sinceros agradecimentos a vocês, anjos da minha vida.

Gostaria de agradecer inicialmente a Deus, por ter me dado forças e sabedoria para chegar até aqui. Posteriormente, agradeço grandemente a minha querida mãe, Vânia Maria. À senhora dedico cada meta atingida até a concretização desse sonho, que não é só meu, mas nosso, pois a senhora é aquela que esteve comigo desde o meu primeiro rabisco, atuando como um dos principais alicerces da minha vida. Foi com a senhora que aprendi a decifrar as primeiras letras, mesmo que minha vontade fosse de sair para brincar. Mas a senhora, com sua sabedoria, fez-me ver que ali estava meu futuro. Agradeço por ser essa guerreira fazendo de tudo para me manter firme neste nosso sonho que agora se concretiza. Parabéns para nós.

Agradeço a meu pai, Raimundo; meus avós, Izabel e Francisco; minha irmã, Magda, e minha sobrinha, Maria Eloisa, por estarem sempre comigo, dando-me forças quando as adversidades da vida tentavam mudar o rumo dessa trajetória. Vocês são os anjos da minha vida. Como também agradeço ao meu namorado, Luiz, por me ajudar até aqui, sendo compreensivo com minhas horas dedicadas à construção desse trabalho. Amo imensamente todos vocês.

Agradeço em especial a minha orientadora, professora Patrícia Cristina de Aragão Araújo, pela confiança em mim depositada e pela maneira sempre humilde e sábia de se relacionar com seus alunos. Levarei comigo as suas lições de erudição, ética profissional e, sobretudo, de humildade. A senhora atuou como uma das principais peças para que essa pesquisa pudesse ser realizada. Agradeço igualmente aos professores que se disponibilizaram a participar da banca: o

Professor Mestre José do Egito Negreiros Pereira e a Professora Doutora Maria Lindaci Gomes de Souza. Muito obrigada pela presença.

Agradeço ainda aos moradores da cidade de Belém do Brejo do Cruz, por terem me proporcionado o relembrar de suas memórias, fornecendo informações de grande valia para a construção da história da cidade, senhor Urbano e senhora Benedita. Vocês foram pessoas fundamentais para a construção desse estudo.

Agradeço aos meus colegas. Mesmo diante de problemas em sala ocorridos, deixo meu agradecimento, pois começamos esse curso como uma turma unida. Todos estavam ali em busca de objetivos comuns e o companheirismo sempre se fez presente. Por isso, a vocês eu agradeço pelos momentos de ajuda que me foram de grande importância para a realização das primeiras atividades como acadêmica no curso de História da UEPB. Obrigada pelos momentos de descontração que me faziam suprir um pouco da saudade que sentia de casa e dos meus familiares. Vocês atuaram como uma segunda família, a qual por Deus foi formada. Como em toda família, problemas existem. Mas, mesmo diante deles, tenho certeza de que jamais esqueceremos os momentos vividos, tendo sempre na memória a lembrança de todos que da nossa vida durante esses quatro anos de curso fizeram parte, pois ninguém jamais passa pelo nosso caminho sem deixar marcas. Todos vocês serão sempre lembrados por mim, pois marcas na história da minha vida todos deixaram. Preciso mencionar minha linda e querida amiga Juliana Karol, por me aturar e me ajudar durante esse percurso. Adoro-te.

Enfim, gostaria de agradecer a todos que até aqui me ajudaram de alguma forma. Saibam que todos vocês foram muito importantes durante essa trajetória da minha vida. Alguns permanecerão para sempre ao meu lado e outros ficarão guardados, mas sempre lembrados em minha memória.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o contexto histórico de construção de Belém do Brejo do Cruz-PB, enfatizando a memória e história da cidade no período compreendido entre 1961 e 1990. Nessa perspectiva, buscamos perceber a trajetória desta cidade, desde o momento de sua origem, como sítio Belém, até quando ganha o estatuto de cidade. A abordagem da temática flui em torno das discussões sobre cidades, trazendo-as como um dos meios fundamentais pelos quais podemos conhecer os modos de vida de uma dada população. Buscamos compreender e conhecer as diferentes facetas que circundam a vida em comunidade, como se dão as relações entre seus habitantes e como eles atuam na conservação das histórias referentes à sua localidade, sendo estes os principais meios pelos quais é possibilitado o conhecimento dos fatos principais de sua fundação. Esses sujeitos atuam, assim, como os guardiões da memória de um povo, uma referência no desvendar dos mistérios que cercam as histórias de sua origem até o momento atual. Trabalhamos a partir da perspectiva teórica de História Cultural, com Michel de Certeau (1995); conceitos de memória, com Jaques Le Goff (1990), como também conceitos de cidade, com Sandra Jatahy Pesavento (2007). A abordagem metodológica da pesquisa está centrada nos estudos sobre história oral, a partir do trabalho desenvolvido por Michael Pollak (1992). Como fontes de pesquisa, utilizamos documentos oficiais, fotografias e relatos orais de memória de moradores da cidade.

Palavras-chave: Belém do Brejo do Cruz. Memória. Cidade.

ABSTRACT

This study aims to analyze Belém do Brejo do Cruz (Paraíba, Brazil) historical context through the city's memory and history in the period between 1960 and 1990. So, we seek to understand this city's history, from its origin as Belém site to when it gains city status. Thematic approach flows around discussions on cities and brings them as a fundamental means by which one can know a population's life style. We intend to comprehend different facets surrounding community life through relations between its inhabitants and how they work in stories conservation related to their locality, which are the principal means by which it is possible to achieve knowledge about major facts about the city's foundation. These subjects act as a people's memory guardians, a reference to unravel mysteries surrounding stories about the city's origin to the present. Our theoretical perspective on cultural history is based on Michel de Certeau (1995). Memory concepts were studied by Jaques Le Goff (1990) and city concepts are grounded in Sandra Jatahy Pesavento (2007). Research's methodological approach is focused on oral history studies by Michael Pollak (1992). As research sources, we used official documents, photographs and oral histories from city dwellers memory.

Keywords: Belém do Brejo do Cruz. Memory. City.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Sobrado (construção do século XIX. Primeiro edifício construído).....	36
FIGURA 02	Átrio da Igreja (1948)	37
FIGURA 03	Foto feita da Torre da Igreja (1973)	39
FIGURA 04	Sermão realizado por Frei Damião em frente à Igreja Matriz (16 de julho de 1986)	40
FIGURA 05	Foto feita no ano de 1978, na qual se vê mulheres estudando a arte da costura parisiense	41
FIGURA 06	Feira da Cidade (Pioneiros no comércio: Seu Chico Quirino e Antonio Soares na feira, realizada no antigo mercado próximo da atual Prefeitura, 1960)	46
FIGURA 07	Praça em frente à Prefeitura (1983)	47
FIGURA 08	Casamento matuto realizado na antiga palhoça (1969).....	48
FIGURA 09	Comemoração de 7 de setembro (1976)	48
FIGURA 10	Bloco carnavalesco (1986)	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
CIDADE E MEMÓRIA: REPRESENTAÇÃO DE BELÉM DO BREJO DO CRUZ	18
1.1 História Cultural e os estudos sobre cidade	18
1.2 Reflexões sobre cidades e suas territorialidades.....	21
1.3 Memória e representação da cidade	27
CAPÍTULO 2	
ANTECEDENTES HISTÓRICOS DE BELÉM DO BREJO DO CRUZ: DO SÍTIO AO SOBRADO – TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS	32
2.1 Uma leitura histórica de Belém do Brejo do Cruz a partir de suas origens.....	33
2.2 Belém como cidade: o espaço urbano construído.....	38
CAPÍTULO 3	
MEMÓRIAS DE BELÉM DO BREJO DO CRUZ NA NARRATIVA DOS MORADORES	43
3.1 A cidade na narrativa dos moradores.....	44
3.2 Imagens sobre a cidade: representação e memória	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade realizar uma operação historiográfica acerca da história da cidade de Belém do Brejo do Cruz, que se encontra localizada no sertão do Estado da Paraíba. O recorte temporal estabelecido para o estudo foi o período compreendido entre 1961, data em que Belém do Brejo do Cruz foi elevada à condição de cidade, e 1990, período em que ocorreram muitas mudanças na cidade, com a introdução de equipamentos modernizantes como clubes e outros espaços de lazer para os munícipes.

Temos como objetivo geral analisar o contexto histórico de construção de Belém do Brejo do Cruz, enfatizando a memória e a história da cidade no período compreendido entre 1960 e 1990. Buscamos entender o processo de mudanças que ocorreu durante o período aqui estudado na referida cidade, visto como um conjunto de amplas mudanças ocorridas nos diversos setores nos quais os sujeitos sociais atuam. Como objetivos específicos da pesquisa realizada, buscamos mostrar como se deu a formação da cidade, seu processo de emancipação, seus espaços de cultura e lazer no cotidiano, bem como refletir sobre a trajetória histórica da cidade, a partir dos equipamentos modernos, das imagens e representações que foram construídas para essa territorialidade.

Nossas principais perguntas quanto à construção desse trabalho residem em como se deu a trajetória histórica de Belém do Brejo do Cruz à condição de cidade e quais as representações construídas por seus moradores. Com isso, o presente trabalho foi construído com o intuito de refletir sobre o período de fundação da cidade até o momento de sua emancipação, tendo como principal preocupação a análise desses períodos. Buscamos evidenciar os principais marcos de sua história durante o percurso de sua origem ao desenvolvimento e estabelecimento como cidade. O trabalho tem por base a análise de documentos oficiais e pesquisas no Blog Belém em Foco, como também a utilização da história oral realizada com a ajuda de seus moradores mais antigos, detentores da história da cidade e de seus acontecimentos mais marcantes.

O estudo sobre essa temática é possibilitado com o surgimento, no campo historiográfico, de uma nova perspectiva histórica, denominada História Cultural. Nos anos de 1990 no Brasil, com a emergência da História Cultural, surgiram novas abordagens relacionadas ao fenômeno urbano, possibilitando que esta área de

investigação se desenvolvesse e ganhasse desse modo, conjunturas em meio às pesquisas historiográficas realizadas. Assim, os historiadores tiveram a possibilidade de, através de pesquisa, expandir histórias sobre as mais diferentes localidades citadinas, desenvolvendo trabalhos considerados hoje como referência para o estudo da temática.

Com relação à historiografia paraibana, percebemos que há muito tempo a temática referente às cidades vem ganhando espaço nas teceduras de historiadores. Autores a exemplo de Irineo Joffilly que, em 1908, em *Notas sobre a Parahyba*, analisou a importância histórico-social das cidades, tendo como cerne de seu estudo as feiras. Celso Mariz publicou dois trabalhos: *Através do Sertão*, em 1910, e *Cidades e Homens*, em 1945. Em ambas as obras, o autor segue uma abordagem evolucionista. Na primeira, busca resgatar a história dos municípios sertanejos numa trajetória historiográfica que parte da ocupação territorial e chega à vida diária das pessoas. Dentre outros autores que, nesta mesma perspectiva, tiveram como preocupação o desenvolvimento da construção historiográfica de diferentes regiões.

Entendemos que a primeira dificuldade que se apresenta a quem resolve se debruçar na investigação da temática ligada à história das cidades está presente em suas fontes, que devem ser analisadas de forma cuidadosa, mediante um olhar minucioso sobre o que está ou não escrito. O documento tem sempre que ser criteriosamente questionado e minuciosamente observado acerca de sua produção, como, por exemplo, quem o escreve, para quem o escreve e quais as intencionalidades que o documento pretende provocar. Outro grande problema encontra-se na quantidade de suas fontes. Estas, muitas vezes, são encontradas em quantidades mínimas, levando o pesquisador a se desdobrar em meio às lacunas gritantes encontradas nas fontes das mais variadas espécies e desvendar os mistérios que as cercam.

A pesquisa em busca da história da cidade de Belém do Brejo do Cruz apóia-se em fontes variadas. Entre elas, as memórias, tanto através da escrita - os livros de memórias - quanto através da oralidade, à chamada história oral. Todavia, além das memórias, dialogamos com ferramentas que são sem dúvida uma fonte muito rica para estudar o imaginário de uma época: fotografias e documentos oficiais existentes nos arquivos públicos e/ou privados.

Nessa perspectiva, buscamos o diálogo com o campo temático dos estudos culturais inerentes às cidades, que somente na década de 1980 ganhou visibilidade

como linha de pesquisa em programas de pós-graduação nas universidades brasileiras. Tivemos como apoio os estudos referentes à História Cultural com a obra *Cultura no Plural*, de Certeau (1995), na qual podemos perceber o desenvolvimento desse campo de estudo. Buscamos, através de Le Goff (1990) e sua obra *História e Memória*, desenvolver os principais conceitos referentes à memória e aos lugares de memória criados no ambiente citadino. Por meio dos estudos de Sandra Pesavento (2007) sobre cidades, buscamos analisar o contexto desta territorialidade sob a ótica da obra *Cidades visíveis, cidades sensíveis e cidades imaginárias*. Nessa viagem em busca da construção da história dessa localidade, buscamos realizar um trabalho a partir de uma história oral, partindo das análises feitas por Michael Pollak (1992), na obra *Memória e História Social*, em que o autor evidencia os principais pontos relevantes sobre os estudos referentes à história oral.

O desenvolvimento deste trabalho foi possibilitado graças à colaboração de parte da população da região. Por meio de suas falas, tais sujeitos atuam como peças fundamentais para esta construção. Os trabalhos direcionados a essa área de pesquisa são elaborados como uma colcha de retalhos, nos quais as falas, as histórias contadas e o fornecimento de informações por meio dos documentos escritos vão se encaixando e dando forma à história de um povo que se constitui como cidadão, que carrega em si as marcas de cada época vivida, tendo enraizado em seu corpo as marcas da história de seus locais de origem, tido por ele como o seu “lugorzinho”, seu ponto de referência como pessoa.

O nosso trabalho com memória tem como principal objetivo recuperar as representações expressas nos testemunhos escritos e orais de pessoas que viveram o processo de transformação entre o surgimento do sítio até o estatuto de cidade. Segundo Silva, citado por Gagnebin (2011, p. 27),

Nessa perspectiva, não se trata de tentar alcançar uma lembrança exata de um passado como se fosse uma substância imutável, mas de estar atento a ressonâncias que se produzem entre passado e presente, entre presente e passado, aquilo que Benjamim chama de ‘experiência’ com o passado. Assim sendo, [...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir com imagens e ideias de hoje as experiências do passado [...]. Devendo ressaltar que nem por isso o discurso de memória perde a ligação com o real acontecido, tendo em vista que, apesar da distância que separa narrador e objeto narrado, trata-se de depoimentos de sujeitos que viveram aquela temporalidade que tentam descrever, e por isso mesmo não conseguindo trazer totalmente o real acontecido, assim

como defendiam os adeptos da *Escola Metódica*¹, seu discurso não pode deixar de ser influenciado pela sua experiência de vida.

O desejo de construir esta pesquisa originou-se antes de nossa graduação, no sentido de que queríamos, como moradora da cidade de Belém do Brejo do Cruz, saber sobre sua origem e história, além de como ela era narrada na visão de seus moradores. Ao ingressar no curso de História, a ideia de contribuir com um trabalho sobre nossa cidade floresceu, nascendo, assim, o tema que finaliza nossos estudos de graduação. Buscamos trazer para a pesquisa histórica a trajetória de Belém do Brejo do Cruz para que tanto os seus moradores como a própria Academia conhecessem e reconhecessem sua história.

Contudo, o trabalho aqui apresentado atua como uma forma de contribuir para as pesquisas acadêmicas sobre cidade, cultura e memória no campo da História Cultural, proporcionando o desenvolvimento de pesquisas referentes a este campo historiográfico, principalmente sobre a história local a partir da espacialidade do sertão paraibano.

A abordagem metodológica deste trabalho encontra-se centrada na história oral a partir da técnica da história oral temática. A história oral é hoje um dos principais instrumentos utilizados nas pesquisas referentes à historiografia contemporânea. É um recurso empregado em estudos referentes à vida de pessoas, grupos ou comunidades. Trata-se de uma história que propicia diferentes diálogos, bem como possibilita compreender a constituição de classes sociais e a tradição de gerações, contadas a partir de uma multiplicidade de pontos de vistas e vivências.

A história oral pode ainda ser compreendida como relatos a respeito de fatos não registrados por outra documentação, ou ainda como uma complementação de registros considerados não suficientes para o que se deseja investigar. Atua, assim, como um dos principais meios aos quais podemos recorrer para conhecer os fatos na íntegra por meio dos relatos fornecidos por aqueles que viveram os acontecimentos e que guardam em suas memórias lembranças dos fatos ocorridos, fornecendo informações que não constam em documentações escritas, mas inscritas em suas memórias.

As preocupações com os relatos captados pela história oral devem estar relacionadas à veracidade daqueles que as narram nas entrevistas fornecidas, pois,

¹ Grifo do autor.

na empolgação da fala, datas e acontecimentos podem ser alterados, ocorrendo transferências e projeções. Como podemos perceber no posicionamento de Michael Pollak (1992, p. 03),

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos. É o caso, na França, da confusão entre fatos ligados a uma ou outra guerra. A primeira guerra mundial deixou marcas muito fortes em certas regiões, por causa do grande número de mortos. Ficou gravada como a guerra que foi mais devastadora, e que frequentemente os mortos da segunda guerra foram assimilados aos da primeira. Em certas regiões, as duas viraram uma só, quase que uma grande guerra.

A história oral é um recurso que possibilita ao historiador recorrer a documentos além dos escritos. Ele pode fazer uso de documentos orais no resgate de uma determinada história que busca em uma dada perspectiva chegar ao conhecimento de fatos vivenciados em um dado momento histórico para o qual somente documentos escritos não poderiam por si só fornecer todos os sentidos circundantes dos fatos ocorridos.

Diante da grande contribuição desta metodologia para as pesquisas de cunho histórico, os pesquisadores devem ter em mente que é de suma importância a presença de clareza, percebendo que a memória muda pelo esquecimento de detalhes, pela diferente leitura de um mesmo acontecimento de acordo com as influências do contexto, pela presença dos pesquisadores e a percepção do lugar social e da ideologia que representa. Como toda fonte histórica, a história oral deve ser criticada e analisada pelo historiador. Conforme observa Michael Pollack (1992, p.08),

a crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tale qual ela se apresenta.

A história oral tornou-se um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. Mas, como qualquer instrumento de pesquisa, deve ser investigado tendo sempre o cuidado na análise das falas, estando sempre atento para perceber

e identificar as mudanças e controvérsias presentes nos discursos proferidos durante as entrevistas cedidas.

A pesquisa centrada na História oral teve como fontes e sujeitos da pesquisa a senhora Benedita Linhares de Lima, 69, que foi escolhida como entrevistada pelo fato de estar entre os moradores mais antigos de Belém do Brejo do Cruz, lá residindo desde a infância, quando a região era sítio, até o momento em que se tornou cidade. A colaboradora tem uma memória repleta de vestígios sobre a constituição da história da cidade. O outro colaborador e fonte deste estudo foi o senhor Urbano Viana Maia, escolhido por ser membro da família que residia no sobrado. Logo, suas histórias têm um valor importantíssimo para a constituição dessa pesquisa.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado *Cidade e memória: representações de Belém do Brejo do Cruz*, encontra-se a fundamentação teórica, situando ao longo do tempo os estudos referentes a essa temática, iniciados com o desenvolver da “Nova História Cultural”, a qual desenvolveu abordagens sobre o cotidiano e os contextos de memórias que possibilitaram a construção de seu estudo, por meio da história oral de seus moradores.

No segundo capítulo, *Antecedentes históricos de Belém do Brejo do Cruz: do sítio ao sobrado -trajetórias históricas*, abordamos a história desta localidade de forma a demarcar os momentos da origem até seu desenvolvimento e estabelecimento como cidade. O terceiro e último capítulo, *Memória de Belém do Brejo do Cruz na narrativa dos moradores*, traz à baila entrevistas com os colaboradores, possibilitando o resgate das marcas históricas através da história oral de seus moradores, complementada por fotografias antigas da cidade.

CAPÍTULO 1

CIDADE E MEMÓRIA: REPRESENTAÇÕES DE BELÉM DO BREJO DO CRUZ

1.1 História Cultural e os estudos sobre cidade

No século XX, o campo dos estudos históricos amplia-se a partir de uma nova forma de abordagem dos conhecimentos. A Terceira Geração dos Annales, empreendida por Le Goff, Pierre Nora trouxe para a História novos conceitos. Também chamada de “Nova História”, a Terceira Geração da Escola dos Annales passou a formular propostas no campo do político, ideológico e cultural, modificando as análises anteriormente conceituadas.

Junto com eles, surge um novo conceito, a chamada “Nova História Cultural” ou “História Cultural”, permitindo o desenvolver de novas abordagens no campo dos estudos históricos. A interpretação do Historiador retoma um espaço mais amplo, ou seja, a dimensão cultural se tornou importante nas análises históricas. Essa terceira fase se refere a novos objetos com temáticas variadas. Dentre os quais, destacamos o mito, as mentalidades, a língua, o livro, os jovens, o corpo, a cozinha, a festa, o filme e as cidades como representação da sociedade. A “Nova História” ampliou o campo da História e multiplicou seus objetos de estudo.

Conforme aponta Hunt (1992 apud VIEIRA, 2013, p. 23),

Com essa inspiração, historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os tradicionais relatos históricos de líderes e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, empregados domésticos, mulheres, grupos étnicos e congêneres.

Nos últimos anos, conforme assevera Hunt (1992, p. 06),

Os próprios modelos de explicação que contribuíram de forma mais significativa para a ascensão da história social passaram por uma importante mudança de ênfase, a partir do interesse cada vez maior, tanto dos marxistas quanto dos adeptos dos Annales, pela história da cultura.

Isto possibilitou aos historiadores que seguem essa vertente investigar, problematizar as relações referentes ao campo do social, empreendendo novos estudos, a exemplo daqueles referentes à cidade, como estamos empreendendo nesta pesquisa referente à cidade de Belém do Brejo do Cruz.

Conforme Hunt (1992, p. 06), “na história de inspiração marxista, o desvio para a cultura já estava presente na obra de Thompson sobre a classe operária inglesa”. Para Araújo, (s/d, p. 01), “a história cultural constitui uma narrativa na qual há a ênfase na dimensão cultural da experiência humana, em detrimento da análise de base estrutural enfatizada pelo marxismo”. A chamada “Cultura popular” é o que tem interessado os historiadores culturalistas. “[...] mitos, danças, cantos populares têm sido temática recorrente no âmbito das pesquisas históricas” (ARAÚJO, s/d, p. 02). Segundo Certeau (1995), na obra *A história no Plural*, a história da cultura popular tão estudada hoje passa a ser vista como algo de importância quando se torna objeto do estudo dos letrados, excluindo o povo de seu espaço. Ortiz (1995, p. 56) afirma que “Os estudos desde então consagrados a essa literatura tornam-se possíveis pelo gesto que a retira do povo e a reserva a letrados e amadores”.

As culturas produzidas pelo povo ganham importância no contexto da pesquisa histórica, uma vez que os saberes e as práticas da localidade passam a ser discutidos nas representações dos historiadores. Trazer produções elaboradas pelo povo para a cena da história passou a ser um aspecto importante no trabalho do historiador.

Segundo Certeau (1995), o popular atua como o começo da literatura e a infância da cultura. Consiste em reencontrar na História Cultural os próprios temas da História Social. A História Cultural repousa sobre um enorme trabalho de decifração, que sugere um certo número de pistas de estudo. A mais clássica, a mais difícil, talvez, pela raridade de documentação significativa sobre os aspectos que por ela são abordados, como o cotidiano, a dança, a cidade como representação de um povo e seus costumes. Se a cidade é a representação do povo e seus costumes, falar de Belém do Brejo do Cruz nos propicia perceber os costumes, os hábitos, as práticas sociais e culturais dessa localidade. A história cultural trouxe a possibilidade de o historiador ampliar seus objetos de estudo e análises com uma variedade de temáticas, cujos temas vão possibilitar ao historiador fazer uma leitura social das questões culturais e políticas da cultura de um povo.

Para o historiador, assim como para o etnólogo, o objetivo dessa nova história é fazer funcionar um conjunto cultural, fazer com que apareçam suas leis, ouvir seus silêncios, estruturar uma paisagem que não poderia ser um simples reflexo, sob pena de nada ser. (CERTEAU, 1995, p. 79).

De acordo com Sales & Farias (s/d, p. 73),

Nessa medida a “nova História cultural,” através desse conceito, estuda como os homens a cada tempo constroem e projetam sentidos aos seus mundos. Como representam a si mesmos e a realidade: através de uma rede de símbolos forjam as conjunturas e formações sociais. Dotam, por sua vez, os significados vazios de sentidos, atualizando sempre a reversibilidade das imagens.

Com o desenvolver da História Cultural, o leque de campos de estudo se abre. A História possui agora um novo mecanismo de estudo dos mais diferentes fatos e objetos que circundam o mundo em que vivemos. Não temos mais que nos prender ao mundo fechado dos documentos oficiais, tidos como os únicos que carregam em si as vozes da verdade, sendo apenas eles os únicos meios aos quais podemos direcionar nossas pesquisas e nossos ensaios intelectuais.

A História Cultural nos possibilitou o desvendar de fatos que circundam o nosso cotidiano, como também as representações dos povos anteriores ao nosso tempo. Por quantas vezes não nos questionamos sobre como seriam as formas de convívio dentro das cortes, dos belos palácios, como eram os modos de conversar e se comportar em meio à família e seus empregados, ou mesmo como eram as formas de comportamento nas pequenas cidades? A História Cultural vem nos possibilitar o desvendar desses questionamentos. Através dela, podemos fazer um estudo minucioso dos jeitos e formas de viver e suas representações cotidianas em meio aos seus modos de vida.

Contudo, percebemos que a história cultural trouxe possibilidades múltiplas para o campo histórico e seus escritos. Com ela, os estudos sobre cidades, seu cotidiano tão rico e seus diferentes modos de viver se tornaram possíveis, viabilizando, assim, o desvendar de questionamentos antes não respondidos, como, por exemplo, como era a vida nas pequenas cidades, como as pessoas viviam em meio às adversidades de seus cotidianos. Não apenas para o campo do estudo das cidades o desenvolver da História Cultural foi importante, pois ampliou sobremaneira os horizontes do historiador, erigindo estudos riquíssimos em diferentes contextos.

Segundo Peter Roiz (2007, p. 237),

Burke constata que houve uma redefinição nos estudos históricos e nas abordagens e discussões teóricas, quando ocorreu a ascensão da História Cultural, por intermédio de uma ‘virada cultural’, na qual análises econômicas, políticas e sociais se aproximavam de termos e diagnósticos culturais. E, no limite, reavaliavam antigas questões sob novas designações, como “cultura da pobreza”, “cultura do medo”, “cultura das armas” etc.

Questionamentos sobre o que é a História Cultural são feitos continuamente. Perguntas para as quais, segundo Burke (2005), ainda não existem respostas satisfatórias. Este é um campo de estudos contínuos, complexos e sempre em construção. O que podemos afirmar sem dúvida é que as possibilidades de estudo para o campo histórico por ela disponibilizado foram e são de importância imensurável para a História.

1.2 Reflexões sobre cidades e suas territorialidades

A cidade fascina, como nos fala Sandra Pesavento (2007a). Lugar de mistérios e descobrimentos, um acervo de culturas e representações únicas de um povo, onde se encontram enraizados em cada canto de suas construções resquícios de memórias passadas, formadas pelos encontros e complementos de memórias de cada geração dos povos que ali se fizeram presentes desde o seu início. Este tópico lança-se à busca por entender a cidade e sua complexidade, bem como as questões relativas às práticas culturais e sociais que dela fazem parte e que possibilitam elucidar as trajetórias históricas das pequenas e grandes cidades, a exemplo de Belém do Brejo do Cruz, cujo encontro de saberes é um aspecto precioso e belo da lembrança dos belenenses.

Entender a cidade de Belém do Brejo do Cruz é uma viagem fascinante ao mundo do conhecimento da localidade que antes era desconhecida aos nossos olhos. Desse modo, estudar uma dada cidade a partir da memória de seus moradores, de seu patrimônio material e imaterial e dos estudos relativos à cidade nos permite compreendê-la. Mais do que um lugar habitacional de seres, as cidades atuam como um reduto de conhecimentos, um local onde se origina a constituição do “ser urbano”, aquele ser considerado referencial de muitos locais. Ser morador da

cidade carrega em si os signos de representação de seu local de vivência, tido como novo e cheios de possibilidades. De acordo com Pesavento (2007a, p. 11),

Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas mas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam.

Tal sentimento ocorre pelo simples fato de querermos desvendar os múltiplos significados, os saberes que fazem parte da história dessa cidade e como estas trajetaram no espaço e no tempo que marcaram o percorrer de suas histórias. Foi justamente por essa inquietação existente entre os pesquisadores que os estudos sobre cidades, suas culturas, a constituição de seu povo e os possíveis mistérios que rodeiam a sua constituição se iniciaram, buscando assim a formação de um conteúdo histórico que mostrasse a importância desses lugares e dos que ali se originaram e constituíram o início da história de cada um desses lugares de memória, como diria Jacques Le Goff (1990).

Os inquietos pensadores poderiam até mesmo questionar: mas o que seria cidade? Seria ela apenas um local de moradia de determinados tipos de povos? Tomando como referencial os conceitos abordados por Sandra Pesavento (2007a), poderíamos dizer que a cidade atua como representação das pessoas que nela habitam, diante da sua criação, mas também como local de sociabilidades, comportando diversos grupos e práticas culturais.

No intuito de refletir sobre cidade e sua dimensionalidade, percebemos que a cidade atua como um local onde se constitui teias de compartilhamento de saberes e vivências. Ela atua como uma obra máxima do ser humano, a qual, segundo Pesavento (2007a), ele não cessa de reconstruir pelo pensamento e pela ação, criando, assim, outras cidades no pensamento e na ação ao longo dos séculos e impregnando em suas construções representações e formas de enxergar a realidade.

Cidades na sua compreensão atuam como locais de sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que se registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem seu pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido de noção do “habitar”, e essas características a tornam indispensavelmente ligada ao sentido “humano” (PESAVENTO, 2007a, p. 14).

Os estudos sobre cidades se iniciaram há algum tempo, atuando como forma de registrar fatos e dados sobre acontecimentos antigos desses determinados lugares. Tais estudos fazem parte da pesquisa dos historiadores como um acervo do qual se valem em suas pesquisas mediante a busca de informações em seus escritos. Segundo Pesavento (2007a), os estudos sobre essa temática se iniciaram de forma um pouco particular, pois não se tratava de uma pesquisa que buscava levantar estudos sobre a cidade com o intuito de fortalecer a memória de seu povo, mas, sim, um processo em que senhores que detinham um prestígio maior em meio à sociedade contratavam certos pesquisadores para fazer um levantamento histórico dos acontecimentos da cidade, prestigiando, assim, seu nome.

Os estudos sobre cidades eram realizados com o intuito de reunir informações “sob encomenda” a respeito de um lugar. Figuras da sociedade pagavam para que a história da cidade fosse feita por uma determinada pessoa, contratada para reunir e constituir a história do local. A este respeito, elucida a autora:

São antigas, contudo, as chamadas “histórias de cidades”, muitas delas feitas “de encomenda”, em que alguém é convocado a escrever e se dispõe a reunir dados sobre uma urbe e ordená-los, dando a ver um tempo de origens, um acontecimento fundador, acrescido da poesia de uma lenda, por vezes, e frequentemente de uma saga ocorrida nas épocas mais recuadas, realizada pelo povo fundador guiado por lideranças (PESAVENTO, 2007a, p.12).

As histórias eram assim construídas de forma qualitativa e evolutiva, feitas apenas na descrição do crescimento dessa cidade e retrazendo sua evolução desde o passado até o presente. Durante o processo de análises desses estudos, as formas dos escritos se modificariam, tendo o materialismo histórico de conotação

marxista como partícipe, modificando e incrementando os escritos históricos sobre as cidades.

No decorrer do processo de transformação dos conceitos e escritos históricos, principalmente nos anos que percorrem a década de 1990, os estudos no campo da História Cultural vieram proporcionar discussões sobre a cidade com uma nova abordagem sobre esse fenômeno urbano. No viés de análise introduzido pela história cultural, a cidade não é mais considerada como um *lócus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, como era vista pelos historiadores, geógrafos, sociólogos, economistas e urbanistas de épocas anteriores, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais.

A cidade é, nesse sentido, um *outro* da natureza. É algo criado pelo homem, como sua obra ou artefato. Aliás, é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa (PESAVENTO, 2007a, p. 13).

As cidades são ambientes complexos. Comportam a materialidade expressa na forma erigida pelo ser humano e também são locais de sociabilidade, pois atuam como um espaço onde os povos e grupos se encontram. Logo, as cidades são vistas como lugar de sensibilidades, pois, como explicita Sandra Pesavento (2007), mesmo as “cidades fantasmas”, aquelas das quais a população retirou-se pelos efeitos da guerra, dos movimentos da História ou de catástrofes naturais, são reconhecíveis para nós como “cidades” porque guardam as marcas, as pegadas, a alma, talvez possamos dizer, daqueles que um dia as habitaram.

Para Pesavento, (2007, p. 14a), “a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia”. Assim como foi evidenciado, a cidade é um local onde as histórias se encontram e se complementam, de forma a constituir conceitos de memórias que vão se estabelecendo no decorrer de suas vivências. Nesse meio social, as esperanças, desejos de mudança e melhoria de seus espaços vão se estabelecendo e se complementando em meio a suas relações, mostrando

que as formas do viver citadino são marcadas principalmente pelo sentimento de sensibilidade para com o próximo.

É sobretudo, essa dimensão da sociabilidade que cabe recuperar para os efeitos da emergência de uma história cultural urbana: trata-se de buscar essa cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, Urbes que são capazes de se apresentarem mais “reais” a percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto (PESAVENTO, 2007a, p. 14).

As abordagens realizadas sobre o fenômeno urbano no final do século XX e no início do século XIX enfatizam não apenas as questões econômicas dessas localidades, mas suas formas de representação, vistas como suas constituintes. É preciso que, no processo de observação das cidades, possa-se ler e enxergar as possibilidades desses espaços, com vistas a perceber o passado de outras cidades, contido na cidade do presente, realizando, assim, uma leitura no tempo.

Conforme aponta Pesavento (2007, p. 14a),

como historiadores, temos sempre a tendência de buscar as cidades do passado que cada urbe abriga, [...] e que devem ter deixado traços para serem recuperados mediante um trabalho de pesquisa. A rigor, todo historiador sabe que as marcas de historicidade deixadas no tempo se revelarão diante de si como fontes, a partir da pergunta que ele fará ao passado.

Destarte, ao passo que realizamos uma análise histórica sobre uma determinada cidade, os artefatos por nós estudados nos darão as marcas e as histórias nela gravadas mediante o olhar que direcionamos.

Os sobrados e igrejas de Belém do Brejo do Cruz podem revelar grandes conteúdos históricos sobre esta cidade. Basta apenas que sobre eles sejam direcionados olhares de sensibilidade, tentando enxergar as marcas do tempo deixadas em suas construções, carregadas de memórias de seu povo. A cidade é, assim, descoberta pelo olhar.

Articulada a este processo, a própria natureza das fontes se amplia, oferecendo ao historiador possibilidades cada vez maiores de abordagem (PESAVENTO, 2007a). “Dependendo da pergunta dirigida ao passado para recuperar as cidades de um outro tempo, não há limites para a descoberta das

marcas de historicidade²". Uma cidade é objeto de muitos discursos. Médicos, juristas, dentre outros, trazem para a cidade conceitos e práticas, tornando-a um objeto de preocupação e propondo a modernização de seu espaço.

Inspirados em leis e nos preceitos da ciência, à luz das mais recentes teorias e conceitos aplicáveis ao fenômeno urbano, [...] tais discursos têm sua contrapartida nos ditos 'saberes populares', fruto de crenças ancestrais e tradições, expressando outras maneiras de enxergar o espaço urbano [...]. Nessa medida o povo também identifica, julga, classifica e qualifica espaços, personagens e ações, vaticinando destinos e promovendo, também, movimentos de aceitação e repulsa (PESAVENTO, 2007b, p. 19).

Os discursos sobre os saberes e vivências de uma cidade nos podem ser transmitidos ainda pela reminiscência, o testemunho de sobreviventes de um outro tempo, de habitantes de uma cidade que não mais existe³, ao menos não da maneira como essas pessoas viveram, permanecendo, contudo, em suas memórias. Essa História é composta de fragmentos, de uma composição em mosaico. "O depoente, no caso, é o senhor do tempo, refazendo o que diz sobre o passado da cidade em cada vez que discorre sobre ele" (PESAVENTO, 2007b, p. 20). Contudo, segundo a autora, "[...] as cidades escritas e as cidades faladas são, todas elas, cidades imaginárias, que um historiador da cultura busca recuperar⁴".

As cidades podem, assim, ser estudadas por meio de diferentes fontes. Podemos utilizar a música, que retrata em sua melodia as construções e constituições da Urbe; revistas, que apresentam as formas comportamentais de épocas passadas ainda presentes nas cidades, como também as fotografias, atuando como marcas do passado possíveis de ser captadas, ou até mesmo o filme, que materializa, sociabiliza e discute o futuro e a própria História. Vastas são as formas que podem atuar como auxílio às pesquisas sobre cidades, mas todas requerem do pesquisador um olhar que busca ver o que está nas suas entrelinhas, carregadas de memórias e marcas de uma história passada.

² Id. p. 14.

³ Pesavento (2007b, p. 20).

⁴ Id. p. 20.

1.3 Memória e representação da cidade

O conceito de memória é muito complexo, pois evidencia vários aspectos, entre os quais aqueles relativos à memória individual e coletiva. A memória atua como um meio ao qual podemos recorrer sempre que sentirmos a necessidade de buscar algo que por nós já foi vivido, algo que necessita ser lembrado, recordado, algo que um dia nos foi muito importante e que por esse motivo ficou guardado em uma das gavetas do tempo conservado em nossa memória.

A memória atua como algo que carrega em si a capacidade de guardar informações e que, devido à aceleração da história, busca de forma incessante lugares que consigam guardar, mesmo fragmentados. Criam-se, assim, como diria Pierre Nora (1993), “Lugares de memória”. Essa preocupação, segundo Nora (1993), surge a partir da percepção de que tudo é efêmero e é necessário combater a aceleração: “há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p. 13). Desse modo, partindo de suas reflexões sobre memória, o autor assevera que os lugares de memória

[...] nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993, p.13).

A partir deste ponto de vista, percebemos que existe, em cada um de nós, a necessidade de guardar nossas lembranças, nossas memórias, de forma que elas nunca se apaguem. Criamos, dessa forma, lugares que nos façam lembrar os momentos únicos por nós vividos, construindo “lugares de memória” para os quais possamos recorrer sempre que sentirmos a necessidade de recordar e reviver momentos. Essa capacidade mnemônica de recordar fatos é considerada um dos aspectos psicológicos mais importantes dos seres humanos, pois eles mantêm vivos na mente suas origens, a essência de sua particularidade, tornando a memória algo

vivo e de constante desenvolvimento em meio aos grupos dos quais fazem parte, os quais atuam também em guardar e manter viva parte de suas lembranças. Percebemos esse fundamento em *História e Memória*, de Le Goff (1990). O autor, citando Goody, evidencia que “em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória a longo prazo e, temporariamente, na memória activa” (LE GOFF, 1990, p. 11).

Na referida obra, existe uma busca por classificar a memória de forma que a diferencie entre os povos que pertenceram a épocas distintas. De certa forma, pode haver diferenças entre os modos de lembrar, sim, mas cremos que estas residem apenas no modo como as memórias são guardadas ou mesmo recordadas. O autor nos leva a perceber isso ao elucidar que a manutenção das memórias se faz de forma semelhante à nossa. Nas sociedades sem escrita, por exemplo, havia os “Homens-Memória”, considerados como os guardiões da memória de seu povo, sendo eles os mais idosos, os que presenciaram o passar dos anos e seus acontecimentos marcantes.

Fazendo um contraponto com o estudo aqui realizado sobre a cidade de Belém do Brejo do Cruz, percebemos que os guardiões, os homens-memória, ainda persistem e são os responsáveis por perpetuar as culturas, os acontecimentos marcantes de cada época, sendo essenciais para a constituição da história das novas gerações que em sua localidade se desenvolvem. Destarte, a memória e os “lugares de memória” são pedras fundamentais no alicerce da vida de cada ser humano, pois permitem que a essência de formação de cada um se mantenha viva, fazendo com que o sentimento de pertencimento e orgulho de sua localidade jamais se perca.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar a identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 1990, p. 57).

Desta forma, a memória atua como um “Baú de Recordações” que será sempre aberto quando sentirmos a necessidade de recordar fatos, pessoas, gostos e até mesmo desgostos vividos, os quais são partes fundamentais da nossa constituição como seres humanos, facultando buscar na memória o que o senhor do tempo insiste em apagar.

Os estudos sobre cidade foram problematizados no momento em que foram desenvolvidas diferentes noções sobre questões urbanas. As políticas de desenvolvimento das cidades que ocorriam na Europa do século XIX trazem para as cidades as noções de busca por um local ideal de vivência, onde o estado caótico das coisas se fazia presente. Nesse contexto, consoante Gomes & Santos (2011, p. 02), “[...] a cidade será pensada como locus ‘ideal’, quando alterada, transformada pela ordem da técnica, para vivências e realizações humanas”. As políticas de desenvolvimento e modernização das cidades tiveram início a partir da busca de um local adequado para as relações humanas, transformando, assim, as formas de relação que antes existiam e os meios de vivência e formas comportamentais dos indivíduos.

A cidade e seu modo de vida próprio urbano, põe em relevo a elevação de um fundamento psicológico determinante sobre o qual sedimenta-se a individualidade da cidade grande, a saber, a “intensificação da vida nervosa”(GOMES; SANTOS, 2011, p. 05).

Nesse diapasão, conforme assevera Silva (2010, p. 01),

[...] novos códigos de comportamentos são apropriados, novas sociabilidades são criadas, novas sensibilidades são despertadas nos cidadãos que passam a interagir de múltiplas maneiras com o seu espaço e com os outros, mesmo que essas interações se processem ora de forma harmoniosa, ora de forma conflituosa.

A cidade se constitui hoje, dentro de uma nova perspectiva, a chamada História Cultural, atuando como um campo de discussões amplo. É a partir desse campo que podemos problematizar, através de múltiplos aspectos diretamente ligados ao espaço urbano, os vários discursos que o instituem como cidade. As cidades sempre foram palco de discussões, sejam elas político-sociais ou econômico-sociais. Mas, na contemporaneidade, as formas de pensar a cidade ganham novos caminhos e a abrem um leque de enfoques que fogem àquela lógica de apreensão do que se convencionou chamar de Urbes, sendo a cidade vista apenas como um palco de acontecimentos cidadãos. Agora, atribui-se uma visão mais crítica sobre seus indivíduos e as relações que as compõem.

Com o desenvolver da História Cultural, as cidades ganharam espaço nas pesquisas históricas e seus estudos começaram a figurar nos debates históricos

desenvolvidos pelos historiadores. A partir de então, a cidade passou a ser vista como um lugar de múltiplas vivências e experiências que envolvem os mais diversos atores sociais a criar seus significados próprios a respeito da cidade. Mais do que isso: os cidadãos definem suas múltiplas formas de se apropriar e de consumir os diversos espaços que o seu habitat pode oferecer.

Com base nos estudos sobre cidade e na ampliação das pesquisas históricas neste campo de análise, a cidade passou a ser pensada também a partir de suas relações sociais, práticas culturais e políticas que se desenvolvem todos os dias nos seus espaços públicos, nos bairros, vilas, ruas e logradouros. Percebemos, assim, que são essas relações que dão a dimensão de muitas cidades que se configuram num só espaço físico e nos revelam olhares e vivências dos corpos que habitam e transitam por aquele espaço coletivo e singular.

Nas discussões realizadas sobre cidade e suas representações, essa territorialidade passa a ser observada e descrita através de suas relações cotidianas, das tramas que se efetuam entre seus moradores, sendo percebidas as formas de comportamento das vivências características da localidade.

Os moradores passam a ser os atores que permeiam as cenas agora descritas pelos historiadores. Seus modos de viver, suas relações cotidianas são tidas como meios pelos quais podemos conhecer os modos de vida cidadãos, como eles se desenvolvem e como atuam seus moradores em meio às adversidades da vida. A cidade vista e representada através de seu cotidiano, é um dos meios fundamentais de se conhecer mais detidamente a vida e a história dos moradores de cada localidade.

Em meio às pesquisas das falas dos moradores, entrevemos que a cidade está enraizada em cada fala, pois as experiências cotidianas de cada morador e suas lembranças sobre a cidade são fundamentais para o fazer histórico sobre uma dada localidade. Cada discurso proferido pelos moradores sobre a cidade é uma forma de construção em relação ao conhecimento elaborado por eles. Em suas falas, podemos conhecer cada fato do cotidiano ocorrido. Remontamos os acontecimentos marcantes da vida de cada morador, os comportamentos de cada um em meio à vida em comunidade, na qual o afeto se efetua no seio daquela pequena cidade. O cotidiano das cidades, principalmente das de pequeno porte, como Belém do Brejo do Cruz, estudada nesta pesquisa, é um dos fatores primordiais que permitem o conhecimento de seus acontecimentos e das noções e

imagens que cada morador tem sobre esta localidade, autorizando que o pesquisador, através da leitura da cidade feita pelos moradores, veja os acontecimentos da cidade como aspectos essenciais de sua história, favorecendo o conhecimento de cada vestígio cotidiano dos fatos na localidade.

Percebemos, assim, que os estudos sobre as cidades realizadas através de suas representações mediante a observação de seu cotidiano atuam como uma das formas primordiais de se conhecer as histórias e práticas cidadinas realizadas e, de forma específica, as relações ocorridas entre seus moradores.

CAPÍTULO 2

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA CIDADE DE BELÉM DO BREJO DO CRUZ: DO SÍTIO AO SOBRADO - TRAJETOS HISTÓRICOS SOBRE A CIDADE

O presente capítulo tem como principal finalidade mostrar a trajetória da cidade de Belém do Brejo do Cruz, desde o período que marca o surgimento do Sítio Belém, sendo esta sua origem, até o momento em que se desenvolve como cidade. O principal meio que nos possibilitou esse estudo foi a busca pelas origens dessa cidade, a partir da coleta de dados e relatos entre os moradores com vistas a compreender os acontecimentos da origem e como eles se fazem presentes nas reminiscências dos “Homens-Memória” locais. Como diria Le Goff (1990), estes são os guardiões das principais falas e até mesmo da constituição de mitos sobre a origem e desenvolvimento dessa região que, para seus moradores, é considerada um dos melhores lugares de se viver.

O capítulo está estruturado em dois momentos. Inicialmente, abordaremos o desenvolvimento do Sítio Belém, mostrando como ocorreu a sua criação e como eram as relações existentes entre os moradores, quais recursos havia nesta localidade antes de sua elevação a cidade e como era seu cotidiano. Logo após, será estudado o desenvolvimento urbano desta territorialidade, mostrando a cidade e seu espaço construído para entender de que forma ela foi se constituindo e quais melhorias foram trazidas para seus habitantes.

O capítulo não terá, no entanto, a proposta de elencar qual período foi melhor ou pior para a localidade, pois esta seria uma proposta que não nos compete, pois não há períodos tidos como bons ou ruins. Cada período ou época da História carrega em si marcas e fatos que são apontados como merecedores de ser evidenciados, podendo ser percebidas as marcas de cada momento deixadas a partir do desenvolvimento das relações humanas.

Mas isto não quer dizer que uma dada época foi melhor e outra pior. Cada fase, seja de uma cidade, seja de determinadas pessoas, possui marcas que serão escritas nas linhas da história do tempo e sempre serão dignas de importância, sem jamais conceber uma em detrimento da outra. Estas devem ser sempre colocadas como percursos necessários para sua constituição, não sendo viável elencá-los como momentos bons ou ruins, mas, sim, como peças fundamentais para a constituição e construção de sua história.

2.1 Uma leitura histórica de Belém do Brejo do Cruz a partir de suas origens

A origem do município data de 1850, quando a família Viana, ao que se sabe, procedente do município de Souza-PB, instalou-se num pequeno sítio denominado Belém, onde explorou culturas de subsistência. A pequena localidade ficava onde hoje está edificada a cidade de Belém do Brejo do Cruz.

A origem do nome “Belém” não é conhecida exatamente, mas tudo leva a crer que foi influenciada pela história sagrada da qual se ouvia a afirmativa “Cristo nasceu em Belém”. Este nome evidencia uma das características marcantes da região, que permanece forte até os dias atuais: sua religiosidade, algo enraizado e constitutivo das heranças deixadas pelos antepassados. A ida à igreja todos os domingos era tida como sendo de suma importância para os moradores.

Anos depois, o lugar tornou-se bastante conhecido devido à excelente qualidade de suas terras. Outros moradores ali se fixaram, explorando a agricultura e organizando fazendas de gado bovino, atividade que teve um desenvolvimento muito rápido, constituindo-se numa das principais fontes de renda do município.

Entre os anos de 1890 e 1900, procedente do município de Catolé do Rocha-PB, o senhor Antônio Pedro iniciou o comércio local. Construiu um barracão, onde vendia os mais variados produtos, tais como alimentos e miudezas. De acordo com as informações obtidas com a senhora Benedita Linhares de Lira, moradora de Belém do Brejo do Cruz desde o seu nascimento até a idade avançada,

A região, antes conhecida como sítio, passa a ser cidade com o maior deslocamento de pessoas para lá, iniciando a construção de um mercado público, inicialmente chamado de palhoça, construído na rua onde hoje fica a prefeitura, deslocado posteriormente para o centro da cidade (informação verbal⁵).

Em 1920, foi construído um galpão, onde passou a ser realizada a feira semanal do lugarejo. Lá, reunia-se a maior parte da população para trocar ou vender os produtos da região. Isto se delineou na fala do senhor Urbano Viana Maia, que mencionou um encontro de pessoas que havia neste ambiente, havendo ao redor do galpão grandes cafeteiras onde o café era feito para os que ali se faziam presentes.

⁵Informações cedidas pela colaboradora Benedita Linhares de Lira para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

O mercado que hoje existe na cidade foi inicialmente construído próximo onde hoje se encontra a prefeitura, e era conhecido como “latada”, local onde a feira era realizada. Ao redor do mercado, ficavam as cafezeiras, onde as pessoas faziam café em grandes fogões a lenha, em grandes marmitas e chaleiras de barro (informação verbal⁶).

Muitas são as histórias que ouvimos sobre a fundação da cidade e seus primeiros imóveis construídos, como também suas festividades e as formas de vivência ali presentes. Duas das principais construções da localidade edificadas enquanto esta era um sítio existem ainda hoje: a Igreja Matriz e o Grande Sobrado (marca principal da região), os quais atualmente encontram-se como marcos da fundação desta localidade.

Nos documentos oficiais encontrados em arquivos públicos, não há evidências quanto à história da fundação de ambos. O que se sabe sobre tais edificações é o que se faz presente nas falas dos moradores mais velhos do município, sendo estes os principais meios pelos quais podemos desvendar os mistérios que as cercam. De acordo com Urbano Maia Viana, membro da família proprietária do local, o sobrado foi construído por Holandeses vindo do estado de Pernambuco no século XIX, os quais eram pessoas ricas que ali se fixaram e construíram este grande monumento.

Ele [o sobrado] foi fundado por algumas pessoas que vieram de Pernambuco plantar semente de algodão nos campos abertos da cidade, e junto com eles vieram pessoas ricas do tempo da escravidão, e tiveram por iniciativa a construção do sobrado próximo ao Açude Sobrado. O sobrado inicialmente construído nesse local foi derrubado e construído onde hoje se encontra devido ao anterior não ter vista para a capela da cidade. No tempo da escravidão, eles derrubaram e construíram novamente. No tempo em que o sobrado foi construído, devido aos relatos, a igreja já havia sido construída (informação verbal⁷).

Mediante o relato do senhor Urbano, a igreja já havia sido construída antes do sobrado, fato que evidencia uma das características das construções de cidades: capela marca o início de sua fundação. Após alguns anos, a família do senhor Urbano, a família Viana Maia, comprou a localidade de terceiros e lá fez morada,

⁶Informações cedidas pelo colaborador Urbano Viana Maia para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

⁷ Idem.

deixando alguns anos mais tarde o edifício para morar na cidade. Neste momento, o edifício foi abandonado. Segundo relatos encontrados em meio às entrevistas cedidas, consta que o edifício tem aproximadamente entre 150 e 200 anos, pois se acredita que sua construção tenha se dado antes do ano de 1937. Segundo Urbano Viana Maia,

Foi antes de 1937, pois eu nasci nessa época e lembro que eles já moravam lá. Não sendo eles o segundo dono, pegando ele de terceiros. O sobrado tem uma base de 170 a 180 anos. Meu pai morou lá durante algum tempo depois de meus avós, indo depois de algum tempo morar na cidade e deixando o grande sobrado abandonado (informação verbal⁸).

O local era considerado um dos monumentos mais bonitos já encontrados na cidade. Sua magnitude era percebida de longe. As linhas de sua construção chamavam a atenção de todos que por ali passavam, sendo ponto de encontro para a realização de festas em seu belo sótão. Segundo o senhor Urbano, “no local, eram realizadas muitas festas. Durante uma eleição de Severino Manduca, lá foi realizada uma festa em seu sótão, tendo dança a noite toda” (informação verbal⁹).

Entre as principais histórias contadas sobre o sobrado, podemos encontrar a prática antigamente realizada de esconder montantes financeiros em “botijas”, pois não havia bancos e o medo dos cangaceiros era constante. Uma dessas histórias é vista como principal por sua importância: a chegada do rádio. Segundo relatos, foi no sobrado que chegou o primeiro rádio da região, sendo um dos principais atrativos para os moradores da localidade. Como conta o senhor Urbano, “lá foi onde chegou o primeiro rádio, chamado de baú, por ser muito grande, tendo suas baterias recarregadas em cata-ventos, para que as pessoas de Belém viessem ouvir rádio” (informação verbal¹⁰).

A magnitude de sua beleza pode ainda hoje ser vista por todos que passem pela cidade, sendo um dos marcos da região. Atualmente, encontra-se abandonado, sendo pouco a pouco destruído pelas marcas do tempo.

⁸ Informações cedidas pelo colaborador Urbano Viana Maia para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

⁹ Idem.

¹⁰ Ibidem.

FIGURA 01: Sobrado (construção do século XIX. Primeiro edifício construído).



Fonte: Blog Belém em Foco.

Sobre a igreja, o que se sabe é que o desenvolvimento da região ocorreu em seus arredores, pois lá foi onde as primeiras casas foram construídas. Segundo consta nos relatos, um dos principais nomes relacionados à fundação da Igreja Matriz é o Cônego José Viana, sendo ele, segundo consta, um dos principais responsáveis por sua fundação.

As festividades mais importantes da região são lembradas por seus moradores com um ar de saudade, pois, segundo eles, era um momento de descontração e de rever os amigos. Segundo a senhora Benedita Linhares de Lira, “as festas antes eram tocadas em orquestras. Os forrós aconteciam nos sítios e também nas cidades, tocados com as sanfonas” (informação verbal¹¹). As festas religiosas ocorriam na frente da igreja, local onde eram construídas barracas e havia coroação de rainhas. Era um encontro de toda a comunidade religiosa.

¹¹Informações cedidas pela colaboradora Benedita Linhares de Lira para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

FIGURA 02: Átrio da Igreja (1948).



Fonte: Blog Belém em Foco

Ainda hoje, a igreja é um dos pontos de encontro dos moradores, principalmente nas festividades do padroeiro São Sebastião e no mês de maio, quando é comemorado o mês mariano. Sobre a educação do período, a documentação deixa a desejar, pois há lacunas sobre o assunto. Existem apenas fontes sobre o seu desenvolvimento durante o período em que Belém do Brejo do Cruz torna-se cidade.

O fornecimento de energia elétrica na localidade era proveniente, segundo os relatos dos moradores, de um motor a óleo, que garantia o abastecimento durante o período das 18h00min às 22h00min, quando o fornecimento era interrompido, voltando apenas no dia seguinte. A situação muda somente quando a região recebe o estatuto de cidade. Muitas histórias são contadas sobre o período em que a região era um sítio, todas elas marcadas por um ar de saudade presente nos relatos. Os moradores buscam, em meio a suas falas, o doce relembrar dos momentos vividos, sendo aspectos fundamentais de sua constituição como pessoas.

Os ares de sítio começam a mudar com a chegada de mais pessoas à região, promovendo o desenvolvimento e possibilitando uma melhoria para a população. No ano de 1928, Candinho Saldanha, como era conhecido, instalou uma pequena indústria de beneficiamento de algodão que muito influenciou o crescimento e progresso do povoado que pertencia a Brejo do Cruz, evitando que seu produto saísse “in natura” do município, encarecendo os custos. A indústria foi fechada em 1939, após a morte de seu idealizador. O povoado teve vários nomes: foi Belém, Bom Jesus, Taiassuí e, finalmente, Belém do Brejo do Cruz, que permanece até hoje.

2.2 Belém como cidade: o espaço urbano construído

O sítio denominado como Belém é elevado à categoria de município com a denominação de Belém do Brejo do Cruz pela Lei Estadual n. 2.674 de 22 de dezembro de 1961, desmembrado de Brejo do Cruz segundo as fontes encontradas em arquivos públicos. Sede do antigo distrito de Belém, a atual Belém do Brejo do Cruz foi constituída no distrito sede e instalada em 30 de dezembro de 1961, conforme consta nos registros da Prefeitura Municipal de Belém do Brejo do Cruz. Na condição atual de cidade, Belém do Brejo do Cruz passa a se desenvolver em busca por melhorias para seus moradores.

Como foi citado no tópico anterior, a cidade inicia-se a partir dos arredores da igreja, tendo ali a construção e desenvolvimento de suas primeiras ruas, como podemos perceber através desta fotografia feita da torre da igreja. Por meio desse registro, vemos que a cidade realmente foi iniciada nos arredores da igreja, havendo poucas casas construídas. Ao fundo, há uma grande presença de mata, que, segundo relatos de alguns moradores, servia de pasto para o gado. Como consta no relato do senhor Urbano Viana Maia, “em minha juventude, a cidade era pequena, rodeada de mato, sendo um local onde os donos de gado colocavam seus animais para comer” (informação verbal¹²).

¹²Informações cedidas pelo colaborador Urbano Viana Maia para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

FIGURA 03: Foto feita da Torre da Igreja (1973).



Fonte: Blog Belém em Foco.

Durante este período, a cidade inicia um momento de desenvolvimento, marcado pela chegada dos principais indícios de uma cidade construída a partir das imagens do moderno. A energia elétrica chega ao município no ano de 1964, sendo recebida por todos com muitas festas. Esta foi uma das marcas principais de seu desenvolvimento. A partir desse momento, surgem os locais de sociabilidade.

Novas construções são edificadas, novas ruas surgem no cenário belenense, constituindo novos ares de desenvolvimento para a região. Durante este período, são construídos locais onde as festividades ocorriam. Havia salões de dança onde hoje está edificada a Prefeitura Municipal. Difusoras onde aconteciam as aulas de música se faziam presentes no local onde atualmente se encontra a Câmara Municipal, dentre outros locais de sociabilidade que aos poucos iam ganhando forma. Segundo alguns moradores, as festividades ocorridas na cidade eram diversas, como podemos constatar na entrevista cedida pela senhora Benedita:

Muita coisa mudou. Antes, havia festividades como corrida de argolinhas (realizada com jumentos), o bumba-meu-boi, carnaval de rua com os foliões fantasiados, com sua festividade realizada onde hoje existe o Colégio Osvaldo, também realizado onde hoje é a

prefeitura, onde existia antes uma quadra onde ocorria a realização de festas (informação verbal¹³).

Sendo a cidade considerada um local de grande relevância religiosa, as festividades, segundo seus moradores, eram muito bonitas, tendo muitas vezes recebido a visita de pessoas consideradas mártires para a religião sertaneja, como Frei Damião, visto pelos sertanejos como um santo. Os belenenses tiveram o privilégio de recebê-lo, como registrou esta foto feita no período de sua vinda à região.

FIGURA 04: Sermão realizado por Frei Damião em frente à Igreja Matriz (16 de julho de 1986).



Fonte: Blog Belém em Foco.

O credo predominante no município, cujo padroeiro é São Sebastião, é a religião católica. Suas festas são comemoradas no dia 20 de janeiro, com bandas, barracas, leilões, escolha da mais bela voz e desfile de rainhas. Há comemorações também no mês de maio, quando se celebra o mês mariano.

¹³Informações cedidas pela colaboradora Benedita Linhares de Lira para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

Muitas festividades foram sendo deixadas para trás no percurso da história da cidade, tais como São Gonçalo (lembramo-nos de presenciar esta festa, quando criança, no sítio dos nossos avós), xaxado, quadrilhas (que ainda permanecem pela luta de seus moradores em manter as tradições). Muitas festas antes comemoradas foram esquecidas. As principais do município ocorrem no dia 22 de dezembro, data da emancipação política da cidade, além das festas natalinas, o São João e os desfiles cívicos de 7 de setembro, em comemoração à independência do Brasil.

Muitas histórias sobre fatos ocorridos na cidade são contadas por seus moradores, sendo eles os principais “Guardiões da História”, pois somente eles podem fornecer as marcas de cada momento vivido em diferentes períodos nessa região. Não consta quase nada registrado sob a forma de documentos escritos.

A educação foi se desenvolvendo aos poucos. Não foram encontrados documentos que falem muito sobre este aspecto. No ano de 1970, chega ao município um programa desenvolvido pelo Governo Federal conhecido como MOBRAL¹⁴, responsável pela alfabetização de grande parte da população. Podemos perceber no pouco que foi fornecido indícios da presença de uma educação voltada para as mulheres com linhas francesas, como observamos nesta foto de 1978, em que mulheres aprendem a arte da costura parisiense.

FIGURA 05: Foto feita no ano de 1978, na qual se vê mulheres estudando a arte da costura parisiense.



Fonte: Blog Belém em Foco.

¹⁴ MOBRAL: Movimento Brasileiro de Alfabetização.

De acordo com os documentos lidos, a população do município vem decaindo a cada ano. A incerteza de períodos chuvosos que possibilitem a permanência dos moradores, como também o cultivo de lavouras para sua subsistência, ocasionam o deslocamento não para as cidades, mas para outros estados, em busca de melhores condições de vida.

O comércio, durante o período em que o município ganha o estatuto de cidade, desenvolveu-se. Um mercado público, antes chamado de palhoça, foi construído e passou a realizar em seu interior e arredores a feira semanal da cidade, sendo considerado um local de sociabilidade por seus moradores. Lá, pessoas residentes em sítios vizinhos compravam seus mantimentos, encontrando-se, assim, com os amigos que faziam morada na cidade. Era, portanto, um encontro marcado por “prosas” realizadas entre os moradores.

Apesar das fontes de pesquisa ser restritas, percebemos que o município de Belém do Brejo do Cruz, ao longo de sua trajetória, teve progressos e regressos. Muito da história desse município está sendo esquecida, pois os documentos que poderiam fornecer detalhes de sua história são pouquíssimos. Não há nenhum investimento que busque guardá-los e conservá-los, como falas de sua origem. Há ainda as histórias guardadas pelos seus moradores, mas que estão sendo levadas de suas memórias pelo tempo, que insiste em levar as almas e as falas daqueles que guardam em seus corações e memórias as histórias e lembranças de épocas marcantes para a constituição dessa localidade.

CAPÍTULO 3

MEMÓRIAS DE BELÉM DO BREJO DO CRUZ NA NARRATIVA DOS MORADORES

O presente capítulo tem por finalidade mostrar os principais marcos da fundação da cidade de Belém do Brejo do Cruz dentro do contexto estudado, ou seja, na perspectiva do recorte temporal aqui proposto (1961-1990), buscando evidenciar os principais lugares que carregam em si as marcas da história dessa localidade.

As cidades são vistas como locais que carregam em si histórias únicas, cheias de mistérios sobre como se deu sua fundação e desenvolvimento, tendo em seu ambiente citadino locais, edifícios, ambientes de sociabilidade que carregam em seu contexto vestígios de um período vivido composto por lembranças de momentos que estão enraizados em sua construção, sendo sempre lembrados por aqueles que viveram durante os períodos de seu funcionamento. Tais períodos progressos deixam lembranças e marcas não apenas no contexto físico e estrutural da cidade, mas também nos corações e memórias daqueles que vivenciaram cada momento ali ocorrido.

A cidade instaura sociabilidades. “Ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos” (PESAVENTO, 2007a, p. 14), indícios que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo.

A cidade é concentração populacional, tem que pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção de “habitar”, e essas características a tornam plenamente, indissociavelmente ligada ao sentido “humano”: cidade, lugar de homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais (PESAVENTO, 2007a, p.14).

A cidade seria ainda um espaço de sensibilidades, pois é “um fenômeno cultural, ou seja, integrada a esse princípio de atribuição de significados ao mundo” (PESAVENTO, 2007a, p. 14). Ela atribui significados àqueles indivíduos que dela fazem parte, ganhando um *ethos* de ser citadino composto por um diferencial relacionado a seu lugar de origem.

A cidade é o objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia (PESAVENTO,2007a,p.14).

Seguindo esses conceitos, buscamos neste capítulo analisar como se davam essas sociabilidades e sensibilidades, onde elas se realizavam, os locais de encontro que marcavam o ambiente dessa localidade, constituindo seu ambiente citadino, o que de novo se fazia presente no seu contexto urbano e quais as nuances que marcaram sua chegada à localidade.

3.1A cidade na narrativa dos moradores

A cidade de Belém do Brejo do Cruz, vista dentro do contexto aqui estudado, é composta por lugares de memória que denotam marcas de um tempo vivido que hoje se faz presente, constituindo seu ambiente citadino e atribuindo a essa localidade características próprias de uma época em que o início de sua história estava sendo construído.

Na impossibilidade de mostrar o passado tal como aconteceu, tem-se a necessidade de conhecer o local escolhido para se fazer uma análise ousada: encontrar numa pequena cidade do sertão da Paraíba traços de uma modernidade que se fazia presente, constituindo o novo espaço urbano que estava sendo construído. Devemos levar em conta, sobretudo inicialmente, a diferença em relação a cidades que passaram por um processo mais marcante de modernização. Contudo, não deixa de ser importante notar que, nesta pequena cidade, as pessoas também passaram a ter contato com os traços da modernidade, os quais, ainda que de forma tímida, começaram a interferir em sua vida cotidiana.

Como se sabe, desde meados do século XIX, o processo de modernização das cidades no intuito de modificá-las tem início em diversos países. Atingiu até mesmo as pequenas localidades, criando um discurso sobre os motivos pelos quais tal empreitada deveria ser realizada.

Na perspectiva de Marshall Berman (1982), reconhecer uma cidade como moderna ou pelo menos que aparenta estar em sintonia com o moderno é observar que as coisas ao seu redor vão mudando, transformando-se e se destruindo. Isto pode se configurar como algo bom, inovador. No entanto, ao mesmo tempo, pode significar uma ameaça que vai corroendo aquilo que se tem, aquilo que se convencionou chamar de patrimônio.

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao seu redor, mas ao mesmo tempo ameaça destruir o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 1982,p. 09).

Analisando a cidade de Belém do Brejo do Cruz e seu processo de modernidade, com o advento em seu cotidiano de equipamentos e instalações modernas, percebemos, mediante as entrevistas concedidas, que muitas edificações que contavam a história da cidade foram sendo destruídas ao longo dos anos, demonstrando, assim, que os símbolos da modernidade, de forma um pouco mais tímida que em outras localidades, passaram por ali.

Os primeiros equipamentos que carregam em si os símbolos do moderno foram sendo discretamente introduzidos no contexto do cotidiano da cidade. Pelo que consta nos relatos fornecidos, um desses primeiros símbolos que chegou à localidade foi um rádio, mais precisamente no Sobrado, como conta a senhora Benedita Linhares de Lira: “o primeiro rádio que chegou na cidade foi no sobrado, tornando-se uma atração para a população.O povo corria até lá pra ouvir o homem cantando dentro do rádio(risos)” (informação verbal¹⁵).

Belém do Brejo do Cruz aos poucos foi se desenvolvendo, tudo de forma lenta, visto que estamos falando de uma pequena cidade, cujas experiências com o novo e o moderno se dão de acordo com as proporções do município. Guardada a sua proporção, ela também passa pelo processo de crescimento sem que se verifiquem grandes mudanças, como ocorreu em determinadas cidades brasileiras que, em meio a este contexto, também se modificavam em busca de se modernizar.

¹⁵Informações cedidas pela colaboradora Benedita Linhares de Lira para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

Novas ruas paulatinamente iam sendo criadas, alterando, assim, o espaço citadino que estava se constituindo.

Com relação às formas de trabalho, como não havia tanta oferta de emprego na cidade, muitos acabavam trabalhando na zona rural durante o dia, regressando à cidade no final da tarde, ao reduto de suas casas, à procura do descanso noturno, para que no outro dia voltassem à rotina de mais um dia de trabalho.

A educação era para poucos. Uma pequena minoria tinha acesso à escola, pois muitas pessoas ajudavam a família no trabalho nas lavouras, na agricultura de subsistência. Apenas as famílias abastadas tinham a possibilidade de colocar seus filhos na escola.

Apesar de sempre ligada ao campo, possuindo inúmeros traços dali herdados, a pequena cidade buscava se desenvolver e isto a situava como uma pequena cidade que estava em sintonia com o moderno. Os locais de sociabilidade iam se constituindo aos poucos, com construções de locais destinados à realização de feiras semanais. A feira é um dos locais de sociabilidade mais antigos que conhecemos, onde as pessoas vão comprar seus produtos, mas também se utilizam do local como ponto de encontro. Isto se percebe na fotografia a seguir, registrando o momento em que a feira da cidade de Belém do Brejo do Cruz se constituía, atuando como um local também de sociabilidade de seus moradores.

FIGURA 06: Feira da Cidade (Pioneiros no comércio: Seu Chico Quirino e Antonio Soares na feira, realizada no antigo mercado próximo da atual Prefeitura, 1960).



Praças também foram sendo construídas, como locais de encontro de idosos, crianças, jovens, adultos e casais de namorados, todos usufruindo deste espaço, trocando experiências, contando histórias, discutindo política e problemas sociais e pessoais. Um espaço aberto às mais diversas experiências da vida dos belenenses, como podemos perceber na imagem abaixo, em que a praça em frente à prefeitura, localizada no centro da cidade, estava se constituindo.

FIGURA 07: Praça em frente à Prefeitura (1983).



Fonte: Blog Belém em Foco.

As festividades existentes na cidade, atuando como locais de diversão para os moradores, ocorriam em diferentes datas, tendo comemorações festivas do padroeiro da cidade, São Sebastião, a Festa de Emancipação, dentre outras que caracterizavam um ambiente de encontro e diversão para os munícipes. Esse aspecto é registrado pela fotografia a seguir, na qual um casamento matuto era realizado na antiga palhoça, local onde as festas eram até então realizadas.

FIGURA 08: Casamento matuto realizado na antiga palhoça (1969).



Fonte: Blog Belém em Foco.

As comemorações de 7 de setembro eram consideradas uma das festividades mais bonitas que ocorriam na região. Todos se reuniam para prestigiar as apresentações que aconteciam durante este período. A foto abaixo, de 1976, registra uma das apresentações que ocorriam no local onde atualmente está construída a Praça Manoel Forte Maia.

FIGURA 09: Comemoração de 7 de setembro (1976).



Fonte: Belém em Foco.

As festas carnavalescas eram outra comemoração das mais esperadas pelos moradores. Formavam-se blocos que reuniam amigos e familiares para comemorar e aproveitar o período com muitas alegrias. Na foto abaixo, temos um dos primeiros blocos fundados em Belém do Brejo do Cruz, como forma de reunir os amigos e aproveitar a folia no ano de 1986.

FIGURA 10: Bloco carnavalesco (1986).



Fonte: Blog Belém em Foco.

Tais festividades eram ainda acompanhadas de comemorações religiosas que aconteciam na cidade em celebração ao padroeiro da região, realizadas no mês de janeiro, havendo ainda celebrações no mês de maio, sendo considerado como o mês mariano. Todos esses eventos garantiam à localidade um contexto novo, que pouco a pouco mudava a constituição de seu cotidiano, trazendo aspectos de um mundo moderno que estava adentrando esta pequena localidade do sertão paraibano.

É importante ressaltar que, embora tenha havido em Belém do Brejo do Cruz transformações tecnológicas, arquitetônicas e culturais, não existia, na cidade, um perfil efetivamente moderno. As mudanças implementadas eram somente indícios de um processo modernizante, caracterizado por pequenos avanços tecnológicos e arquitetônicos.

Era este, portanto, o ambiente da pequena cidade sobre a qual nos dispomos a pesquisar: uma localidade pacata, extremamente ligada ao campo, onde as pessoas praticamente dependiam do que conseguiam produzir. Uma comunidade simples se comparada a outros centros urbanos, mas que, apesar de toda essa distância em relação ao mundo exterior, passava a pensar em desfrutar daquilo que de mais moderno existia para além de seus limites.

3.2 Imagens sobre a cidade: representação e memória

Ao longo destes capítulos, estamos a passear pela cidade de Belém do Brejo do Cruz, que aos poucos passava por mudanças, com a introdução de novos equipamentos tidos como modernos, como também novos edifícios iam sendo construídos, dando uma nova visibilidade à cidade que se constituía. Visualizamos uma cidade desejada, uma cidade que mudava paulatinamente, ressignificando seu contexto urbano. Estamos neste universo da cidade de Belém do Brejo do Cruz, uma localidade pequena no interior da Paraíba, que aos poucos foi se modernizando na tentativa de conviver com as experiências em torno do novo. Compreendemos que o novo traz mudanças no espaço urbano, que interferem no cotidiano dos moradores desta comunidade, as quais se expressam sob uma nova sensibilidade.

Adentramos agora na visão de como os moradores da cidade percebiam essas mudanças, o que elas representavam para eles e como elaboravam suas visões sobre Belém do Brejo do Cruz. Percebemos em suas falas que as mudanças ocorridas na cidade foram de muita importância, pois trouxeram melhorias para o cotidiano da região. Segundo a senhora Benedita Linhares de Lira, “a cidade é tida como lugar de grande importância, porque trouxe melhorias para a vida de todos. Melhorou a saúde; é um lugar tranquilo pra viver” (informação verbal¹⁶).

Percebemos ainda que os tempos vividos anteriormente eram saudosos em suas memórias, demonstrando que os momentos passados atuam de forma bastante significativa em suas vidas, deixando um ar de saudade no lembrar de suas memórias. Algo que pode ser percebido na fala da senhora Benedita, quando inquirida sobre as festividades religiosas da cidade.

¹⁶Informações cedidas pela colaboradora Benedita Linhares de Lira para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

As festas religiosas eram lindas, formada por barracas, com enfeites vermelhos e azuis, representando as estrelas do norte e do sul. Ornamentado com pessoas vestidas de soldados e ciganas. A alvorada ocorria pela manhã, sendo animada pela orquestra de Brejo do Cruz no patamar da igreja. Havia coroação de Rainhas, realizado no salão existente onde hoje está construída a prefeitura (informação verbal¹⁷).

Boa parte da história da cidade é construída a partir da fala de seus moradores, a qual foi de suma importância para a construção desse estudo, pois, através de suas falas, pudemos conhecer aspectos da história dessa localidade antes desconhecidos, algo que não será jamais encontrado em documentos escritos. As falas de seus moradores são um objeto de estudo significativo.

Na condição de moradores antigos dessa cidade, estiveram presentes nos principais momentos de fundação e desenvolvimento da região, podendo observar de perto cada mudança. Assim, incluíram em seu “Baú de Memórias” aspectos primordiais de uma história de vida passada, mas que está viva na memória destes que viveram efetivamente esses períodos. Suas falas são cruciais para a construção de uma história-Memória daquela cidade, sendo um meio pelo qual outras gerações poderão ter acesso aos principais marcos de fundação e todo o contexto histórico da cidade de Belém do Brejo do Cruz.

O conhecer da cidade e de sua origem, a construção de sua história pode ser percebida na fala dos moradores. Eles atuam como “Livros de Memória”, aos quais podemos recorrer sempre que desejarmos conhecer algum fato da cidade por nós desconhecido. Sobre a história de sua fundação, o senhor Urbano Maia Viana nos dá uma visão sobre como se deu esse fato: “Sei pouco sobre o surgimento da cidade. Lembro que muito do que foi fundado na cidade teve a iniciativa do senhor Cônego Viana, que era tio de minha mãe, Dona Ilda Viana Maia, e outras famílias antigas” (informação verbal¹⁸).

Como toda cidade que se preze, a história de Belém do Brejo do Cruz é povoada por mitos que circundam seus fatos, conferindo-lhe um ar de mistério encontrado nos relatos fornecidos por seus moradores. A senhora Benedita Linhares de Lira fala sobre as histórias contadas sobre o sobrado (primeira casa construída

¹⁷Informações cedidas pela colaboradora Benedita Linhares de Lira para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

¹⁸Informações cedidas pelo colaborador Urbano Viana Maia para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

na região), onde, segundo a crença popular, existem, em seus arredores, espécies de cofres denominados como “botijas”, que eram enterradas e ainda hoje podem ser encontradas. Mas, segundo a lenda, apenas aqueles que forem escolhidos podem ser privilegiados com esse presente, que, segundo a senhora Benedita, seria um baú composto por ouro e joias de grande valor.

Havia uma prática na cidade de esconder suas riquezas em botijas (espécies de cofres que eram enterrados no chão como forma de proteger seu dinheiro dos cangaceiros, pois antes não existiam bancos na região). Muitas pessoas hoje já encontraram muitos desses baús cheios de ouro na cidade. As pessoas que morrem vêm em forma de espírito mostrar o lugar onde estes baús estão enterrados (informação verbal¹⁹).

Ainda sobre essas histórias que atuam na construção do mito sobre a região, segundo o que se fala entre os moradores, nas proximidades da cidade teria ocorrido uma emboscada para o cangaceiro Jesuíno Brilhante (1844-1879), em que ele teria sido morto. Como construção emblemática da cidade, suas histórias são até mesmo representadas em um poema, “De Grão em Grão Belém é Contado”, feito pelo poeta José Augusto. Nele, percebemos a importância do sobrado para a região e como é desejada a sua conservação.

Logo depois vem sobrado
A mais velha construção
Que mais desejamos um dia
O tempo dá a solução
E das ruínas nascer
Um sobrado de lição²⁰

Através dos versos deste poema e das falas dos moradores, podemos perceber que a cidade aos poucos ia se constituindo, dando ao seu ambiente novos contextos. O novo gradativamente ganhava espaço, mudando aquele ambiente que antes se configurava como sítio, mas que se rendeu à modernidade e seus avanços.

¹⁹ Informações cedidas pelo colaborador Urbano Viana Maia para Mayare Rayane Batista de Medeiros em contexto de pesquisa (2015).

²⁰ O poema na íntegra encontra-se disponível em <http://cordeljoseaugusto.blogspot.com.br/2010/02/historia-de-belem-do-brejo-do-cruz-em.html>. Acesso em 13 jun. 2015.

A partir dos depoimentos dos moradores, a história de Belém do Brejo do Cruz se dá a conhecer, proporcionando àqueles que não viveram determinados momentos de sua fundação e desenvolvimento a possibilidade de desfrutar das histórias principais e jamais encontradas em documentos. Assim, a informação acerca de partes da história da cidade da qual fazem parte vai sendo construída em suas memórias pouco a pouco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas que antecederam essas considerações finais, procuramos revelar um pouco da história da cidade de Belém do Brejo do Cruz, no sertão paraibano, dentro de um determinado recorte temporal (1961-1990), que abrange uma parte da história desta localidade. Buscamos evidenciar alguns marcos de sua fundação. Rastreamos indícios ligados à temática em questão, trabalho que não foi fácil, visto que a cidade em estudo é bastante carente de arquivos públicos organizados. Procuramos utilizar fontes variadas, a exemplo de documentos oficiais, depoimentos orais e fotografias como forma de complementar a fundamentação de pesquisa que possibilitasse a constituição da pesquisa.

O estudo sobre cidades é um tema amplo, cheio de possibilidades investigativas, algo que não se esgota. Assim sendo, buscamos, neste estudo sobre a cidade de Belém do Brejo do Cruz, indícios ligados à sua trajetória, procurando entender a implicação que tais processos de transformação ocorridos na localidade passou a exercer sobre seus moradores. Nesse contexto, os relatos de memórias se mostraram uma fonte importante para nosso trabalho, pois, a partir deles, foi possível acessar indícios ligados à transformação que a cidade viveu, transformações tanto físicas, ligadas à parte estrutural da cidade, como também na vida dos indivíduos que ali se faziam presentes.

Na medida do possível, isto é, até onde nos foi possível encontrar vestígios (relatos orais, fotografias, entre outros) que se relacionassem às transformações sofridas pela cidade dentro da temporalidade em questão, a fonte oral foi crucial para a realização deste trabalho, pois foi a partir dela que pudemos revelar recortes ligados ao cotidiano: como eram as relações sociais dentro dessa localidade e como foram recebidas as mudanças lá ocorridas.

Destarte, apesar do esforço, no sentido de viabilizar um estudo que pudesse dar sua contribuição aos estudos historiográficos, mais especificamente à temática das cidades, em nenhum momento tivemos a pretensão de fazer algo infalível, dando por encerrada a temática abordada. Como pioneiras no estudo de Belém do Brejo do Cruz, sabemos que muito ainda se tem a buscar como forma de complementar a história escrita dessa cidade. Pelo contrário, temos como iniciativa a esperança de que outros trabalhos possam oferecer seu tributo à historiografia das cidades, em particular, à historiografia das cidades sertanejas paraibanas,

fomentando vários outros trabalhos de pesquisa com vistas a revelar as histórias urbanas que se encontram à espera de um historiador.

Nessa perspectiva, chegamos ao final (ainda provisório) desse trabalho, com dúvidas e inquietações, porém certas de que ainda existe muito a se pesquisar sobre a cidade de Belém do Brejo do Cruz, haja vista que seria humana e racionalmente impossível recuperar toda a história de uma cidade em um único trabalho de pesquisa. Esperamos que muitos outros trabalhos historiográficos ainda sejam feitos sobre a cidade em foco.

Seguimos, então, esperançosas, acreditando na continuidade das pesquisas ligadas à temática e ao objeto de estudo em questão, certas de haver muito ainda a percorrer nessa imensa, mas gratificante empreitada que é recuperar o que for possível da trajetória de homens e mulheres que viveram em outros tempos.

Como se trata de um trabalho pioneiro na história dessa localidade, cremos que lacunas ainda existam em sua construção. Elas serão preenchidas com o tempo e o aprimoramento dessa construção historiográfica que buscou, em meio às dificuldades de fontes, o desenvolvimento da história deste município. Mesmo localizado no sertão paraibano, marcado pela luta de seus sertanejos no convívio com as adversidades da seca (característica da região), é considerado um dos melhores lugares de se viver. Ele deixa um ar de saudade em todos aqueles que de lá partem em busca de melhores condições de vida, mas que sempre retornam para desfrutar do doce aroma dessa pequena cidade.

Portanto, buscamos, na medida do possível, encontrar, rastrear fontes que oferecessem a nossas perguntas respostas sobre a cidade de Belém do Brejo do Cruz. Perguntas que procuraram adentrar a cidade visível e a cidade sensível, como diria Pesavento (2007).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Silveira Vieira de. **História social e história cultural e suas influências na produção historiográfica sobre cidades**. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2014%20-%20Silvera%20Vieira%20de%20Ara%C3%BAjo%20TC.PDF>. Acesso em: 11 jun. 2015.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da Modernidade**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 1982.

BURKE, Peter. **O Que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**: Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas/SP: Papirus, 1995.

GOMES, Iordan Queiroz; SANTOS, Luiz Carlos dos. Sensibilidades modernas: as cidades e os desejos do moderno. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, jul. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890903_ARQUIVO_Sensibilidadesmodernas-cidades.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (O Homem e a História).

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1990.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. São Paulo: Ed. Projeto História, 1993.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PESAVENTO, Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, São Paulo, jan./jun. 2007a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002>. Acesso em: 11 jun. 2015.

_____. **Abertura:** Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2007b. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em:
<http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Carvalho/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2015.

ROIZ, Diogo da Silva. A história da História Cultural, segundo Peter Burke. **Art Cultura**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 235-239, jul./dez. 2007. Disponível em:
<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF15/res_Roiz.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2015.

SALES, Telma Bessa; FARIAS, Francisco Diego Soares. **Os novos domínios de Clio:** história cultural, campo de saber, conceitos e possibilidades. Disponível em:
<<file:///C:/Users/Roberta/Downloads/59-109-1-SM.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **A “modernização” da cidade rural:** espaços de rupturas e permanências da cidade de Alagoa Nova-PB (1920- 1960).2012. 151f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Programa de Pós-Graduação em História, Campina Grande/PB, 2012. Disponível em:
<http://www.ufcg.edu.br/~historia/ppgh/images/dissertacoes_defendidas/2010/dissertao%20luiz%20carlos.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2015.

SILVA, Josinaldo Gomes da. **Imagens do Moderno em Patos-PB:** (1934-1958).2011. 160f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Programa de Pós-Graduação em História, Campina Grande/PB, 2011. Disponível em:
<http://www.ufcg.edu.br/~historia/ppgh/images/dissertacoes_defendidas/2009/josinaldo%20gomes.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2015.

SILVA, Silvia Tavares da. Cidades e as tramas do moderno. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 10. Testemunhos: História e Política, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, abr. 2010. Disponível em:
<http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1267905272_ARQUIVO_Cidadeseastramasdomoderno-textocompleto.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.

VIEIRA, Débora Magali Miranda. **A escola normal da Bahia:** saberes veiculados na formação das mulheres para o magistério (1890-1914). 2013. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2013. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15230/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O.%20DeboraMagaliMiranda.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

ARQUIVOS VISITADOS

Prefeitura Municipal de Belém do Brejo do Cruz.

<<https://www.facebook.com/groups/443744752386585/>>

<<http://romulogondim.com.br/o-sobrado-de-belem/>>

<<http://cordeljoseaugusto.blogspot.com.br/2010/02/historia-de-belem-do-brejo-do-cruz-em.html>>

PESSOAS ENTREVISTADAS – COLABORADORES

Benedita Linhares de Lima

Urbano Viana Maia